

PROBLEMAS DE HISTÓRIA EMPRESARIAL: TEORIA E PRÁTICA (RESUMO)

José Amado Mendes

Ainda que de forma lenta e tardia – relativamente a alguns outros países –, a história empresarial tem registado um certo desenvolvimento, nas últimas décadas. Com efeito, o número de estudos dedicados a empresas e a empresários e mesmo a outros tipos de organizações não tem deixado de aumentar, embora nem sempre se cuide da sua difusão, em termos de grande público. Por vezes, as “histórias institucionais” não ultrapassam o âmbito da própria organização, pelo que a comunidade dos investigadores ou mesmo o leitor interessado dificilmente lhes tem acesso.

De qualquer modo, mesmo tendo em conta a limitação acabada de referir e partindo, sobretudo, dos “produtos” de que se vai tendo conhecimento, convirá ir acompanhando os resultados divulgados com uma reflexão acerca da temática, não apenas com o intuito de inventariação ou balanço, mas sobretudo de modo a estimular e desenvolver a pesquisa nesta área, em moldes críticos e, tanto quanto possível, actualizados.

Do ponto de vista teórico e no que se refere às problemáticas a focar, poder-se-ão adoptar múltiplas perspectivas. Assim, se no que toca a estudos de caso há tópicos que dificilmente podem deixar de ser analisados – recursos humanos e materiais, gestão e métodos de trabalho, tecnologia e produtos/serviços, mercado e expansão, localização e deslocalização, marketing e concorrência, modernização, investimentos e qualificação, de produtos e de pessoas –, já a nível macro se podem equacionar outros tipos de questões. Entre outros, podem indicar-se os seguintes exemplos: o tecido empresarial no respectivo contexto histórico; a evolução das grandes linhas da gestão, no longo prazo: da “mão invisível”, de A. Smith, à “mão visível”, de A. Chandler; culturas empresariais e culturas envolventes; as “revoluções” tecnológicas e a terciarização da economia; o papel das empresas na “sociedade de serviços”; função social das organizações e estratégias adoptadas; a gestão nas organizações não lucrativas, etc.

De um ponto de vista mais prático, há que equacionar um vasto conjunto de questões, de cuja resolução poderá depender o nível trabalho histórico a efectuar. Quanto aos objectivos da investigação, a iniciativa pode partir do próprio investigador que, para satisfazer requisitos académicos ou por outros motivos deseja estudar uma empresa, um empresário, uma tecnologia ou metodologia concreta ou um sistema produtivo. Neste caso, o ideal é que da parte da empresa as “portas lhe sejam abertas” e lhe seja dada a devida colaboração.

Mais comum, porém, é serem os responsáveis pela própria organização – aproveitando, frequentemente, o ensejo da data evocativa de um aniversário –, a solicitar

a realização da respectiva história. Esta pode ser feita, a “partir de dentro” ou, ao invés, a “partir de fora”. Que eventuais implicações, num e noutra caso? Que imagem se pretende transmitir da empresa? Quem “dita” as regras a seguir? Que géneros de fontes foram disponibilizadas, inclusive orais? Quem as selecciona e segundo que critérios? Qual o destino a dar ao “fruto” da pesquisa? Que “adaptações” efectuar, de acordo com o público-alvo a alcançar? Como lidar com temáticas, eventualmente sujeitas a sigilo ou, no mínimo, que se revistam de alguma delicadeza ou melindre? Que relevo dar, no estudo, aos diversos géneros de colaboradores, desde os fundadores/líderes carismáticos aos da última geração, ainda no activo, inclusive à mão-de-obra de índole diversa?

Este elenco não esgota, obviamente, a lista dos assuntos merecedores de reflexão. Contudo, é perante cada caso concreto que, com bom senso, confiança mútua dos agentes envolvidos e com o desejo de contribuir, da melhor forma possível, para o conhecimento da história empresarial e, por meio desta, para a história, em geral, que estas e outras questões poderão ser solucionadas.